

# Visão apocalíptica oculta progresso humano

Dados mostram que degradação ambiental é superestimada, afetando percepção dos avanços

BJORN LOMBERG  
 The Guardian

**L**ONDRES - Estamos todos familiarizados com a ladainha sobre a constante deterioração do nosso meio ambiente. É a mensagem apocalíptica repetida infinitamente pela mídia, como quando a revista *Time* nos disse que "todo mundo sabe que o planeta está em má forma", e quando a *New Scientist* batizou sua análise ambiental de "autodestrutiva".

Dizem-nos que estamos destruindo nossa Terra. Nossos recursos se esgotam. A população aumenta, deixando menos e menos alimentos para comer. Nosso ar e nossa água estão mais e mais poluídos. As espécies do planeta se extinguem em grande número - mais de 40 mil por ano. Florestas desaparecem, reservas de peixes entram em colapso, recifes de coral estão morrendo. A camada fértil de solo desaparece. Estamos pavimentando a natureza, destruindo as regiões selvagens, dizimando a biosfera e, nesse processo, acabaremos nos matando. O ecossistema do mundo se desagrega. Aproximamo-nos rapidamente do limite absoluto da viabilidade.

Ouvimos a lengalenga com tanta freqüência que a repetição é quase tranquilizadora. Há contudo um problema: ela não é confirmada pelos dados disponíveis. Não estamos esgotando energia ou recursos naturais. Existe mais alimento e um número menor de pessoas passa fome. Em 1900, vivíamos em média 30 anos; hoje vivemos 67. Segundo a ONU, reduzimos a pobreza mais nos últimos 50 anos do que nos 500 anos anteriores e ela diminuiu em quase todos os países.

O aquecimento global está provavelmente ocorrendo, mas as projeções sobre o futuro são pessimistas demais e a cura tradicional - a redução radical dos combustíveis fósseis - é mais danosa do que a doença original. Além disso, seu impacto total não representará um problema grave para nosso futuro. Tampouco vamos perder de 25% a 50% de todas as espécies durante nossa existência - na verdade, estamos perdendo provavelmente 0,7%. A chuva ácida não mata as florestas, o ar e água estão cada vez menos poluídos.

**Alimentação** - Na verdade, praticamente todos os indicadores mostram que o destino da espécie humana melhorou. Claro que isto não significa que tudo transcurre a contento. Ainda podemos melhorar. Veja, por exemplo, a carência alimentar e a explosão demográfica. Em 1968, um dos maiores ambientalistas, Paul R. Erlich, previu em seu best seller, *The Population Bomb* (A Bomba Demográfica), que "a luta para alimentar a humanidade está perdida. Nos anos 70, o mundo passará por inanição de proporções trágicas - centenas de milhões de pessoas morrerão de fome."

Isso não ocorreu. Ao contrário, segundo a ONU, a produção agrícola no mundo em desenvolvimento aumentou 52% por pessoa. A ingestão diária de alimentos em países em desenvolvimento aumentou de 1.032 calorias em 1961 - o mínimo para sobreviver - para



Nos Estados Unidos, os acidentes causados pelo El Niño, como as enchentes na Califórnia, tiveram mais destaque na mídia que os lucros decorrentes do fenômeno

2.650 calorias em 1998. E se prevê que aumente para 3.020 até 2030.

Da mesma forma, a proporção das pessoas que passam fome nessas nações diminuiu de 45% em 1949 para os atuais 18%. Prevê-se que diminua ainda mais: 12% em 2010 e para 6% em 2030. Em outras palavras, alimento não está mais escasso, e sim mais abundante. Isto se reflete em seu preço. Desde 1800, os preços dos gêneros alimentícios baixaram mais de 90%. Em 2000, segundo o Banco Mundial, foram os menores de todos os tempos.

**População** - A previsão de Erlich repetiu a que foi feita 170 anos antes por Thomas Malthus. Este afirmava que, sem controle, a população humana teria crescimento exponencial ao passo que a produção de alimentos só podia aumentar linearmente aumentando-se a extensão de terras cultivadas. Ele estava errado. O crescimento demográfico acabou tendo um controle interno: conforme as pessoas ficavam mais ricas e saudáveis, passaram a ter famílias menores. Com efeito, o índice de crescimento da população humana atingiu seu pico, superior a 2% anuais, no início dos anos 60 do século 20. O índice de crescimento está diminuindo desde então. Situa-se hoje em 1,26%, e se prevê que caia para 0,46% em 2050. A ONU calcula que a maior parte do crescimento demográfico do mundo terminará em 2100, estabilizando-se pouco abaixo de 11 bilhões de pessoas.

Malthus também não levou em conta avanços na tecnologia agrícola. Esses arrancaram cada vez mais alimento da terra. É essa aplicação da engenhosidade humana que impulsionou a produção de alimentos. Também reduziu a necessidade de expandir as áreas cultivadas e, assim, diminuiu a pressão sobre a biodiversidade. Os dados sobre alimentos,



população e poluição do ar citados aqui contradizem a ladainha. No entanto, pesquisas de opinião indicam que muitas pessoas - no mundo rico, pelo menos - estão convictas de que padrões ambientais estão piorando. Quatro fatores causam esse divórcio entre a crença das pessoas e a realidade.

**Distorções** - O primeiro é a distorção na pesquisa científica. As verbas vão principalmente para áreas com muitos problemas. Isso pode ser uma boa política, mas também cria a impressão de que existe um número de problemas potenciais maior que a realidade.

Uma segunda causa de percepção distorcida é o interesse dos grupos ambientalistas. Embora sejam dirigidos, em sua maioria por gente abnegada, eles têm muitas características em comum com outros grupos de pressão. Precisam ser notados pelos meios de comunicação de massa e garantir o dinheiro que os sustenta. A tentação de exagerar naturalmente existe e, muitas vezes, os membros do grupo cedem a ela.

Em 1997, por exemplo, o World Wide Fund for Nature (WWF) distribuiu um press release com o título *Dois Terços das Florestas Mundiais Perdidas para Sempre*. O percentual verdadeiro acabou ficando próximo dos 20%. Isso despertaria menos interesse se as pessoas tivessem o mesmo grau de desconfiança em relação aos grupos ambientalistas que a outros grupos de pressão. Porém, se uma empresa diz ser a favor do afrouxamento dos controles da poluição, isso é visto como

consequência de interesses próprios. Se uma organização "verde" faz o mesmo, ela é tida como altruísta.

**Mídia** - Uma terceira causa de confusão é a mídia. As pessoas sentem mais curiosidade por notícias ruins, e os jornais, emissoras de rádio e TV dão ao público o que ele quer. Isso pode levar a significativas distorções de percepção. Um exemplo foi o modo como os EUA encararam o fenômeno El Niño em 1997 e 1998. Esse fenômeno climático foi acusado de estragar o turismo, causar alergias, derreter encostas de esqui e provocar 22 mortes ao atolar o estado de Ohio em neve. A Disney até responsabilizou El Niño pela baixa no preço de suas ações.

Uma análise mais equilibrada, em um artigo do boletim da Sociedade Americana de Meteorologia, calculou em US\$ 4 bilhões os prejuízos causados por El Niño, mas, segundo suas estimativas, os lucros totalizaram US\$ 19 bilhões. Esses resultados resultaram da elevação da temperatura no inverno (que salvaram cerca de 850 vidas, reduziram gastos com aquecimento e diminuíram inundações de primavera) e da bem documentada conexão entre Niños passados e o menor número de furacões no Atlântico. Em 1998, os EUA não tiveram furacões de grande porte no Atlântico, o que evitou vultosos prejuízos. Esses benefícios não tiveram a mesma cobertura da mídia que os prejuízos.

O quarto fator é a visão individual medíocre. As pessoas te-

mem que o aumento do volume de porcarias que todos jogam fora venha a acabar com o espaço para depositar lixo no mundo. Mas, mesmo se a produção de lixo no Reino Unido aumentar na mesma proporção da dos EUA - uma estimativa absurda, pois a população britânica não cresce com a mesma rapidez -, a área total de aterro sanitário necessária no século 21 terá apenas 33 metros de altura e 130 quilômetros quadrados, o que representa 28% da Ilha de Man, na Grã-Bretanha.

**Realidade** - Conhecer a verdadeira situação do mundo é importante porque o medo de problemas ambientais, em grande parte imaginários, pode retirar energia dos problemas reais que precisam ser enfrentados. O centro de análise de risco da Universidade Harvard fez um dos maiores levantamentos de custos mundiais das iniciativas públicas que poupam vidas.

Só foram computadas iniciativas cuja meta é salvar vidas humanas. Portanto, intervenções no meio ambiente que têm pouca ou nenhuma intenção de poupar vidas humanas - como elevar os índices de oxigênio nos rios, sanear pântanos e criar reservas naturais - não são consideradas. Apenas foram comparadas intervenções cujo objetivo é salvar vidas humanas (como controle de toxinas) com ações de outras áreas.

Há enormes diferenças no custo de intervenções comuns, que asseguram anos extras de vida e essas ações: enquanto a assistência médica é relativa-

mente barata - custa, em média, US\$ 19 mil para salvar uma vida - a área ambiental destaca-se com o assombroso custo de US\$ 4,2 bilhões.

Esse método de cálculo mostra a eficácia do esforço do poder público americano para salvar vidas. Existem informações sobre o custo real de 185 programas que, juntos, têm um custo anual de US\$ 21,4 bilhões e poupam 592 mil vidas por ano. O estudo da Harvard mostra que, se os recursos fossem empregados em programas com melhor relação custo-benefício, 1,2 milhão vidas seriam poupadas ao ano com o mesmo dinheiro. Sem gastos adicionais, teria sido possível poupar mais 600 mil vidas ao ano ou mais 60 mil seres humanos em dez anos.

**Curto prazo** - Quando tememos por nosso meio ambiente, parecemos cair facilmente vítimas de soluções cômodas e de curto prazo, que gastam dinheiro em questões relativamente triviais e, portanto, retiram recursos de outras muito mais importantes. Quando constatarmos que podemos esquecer o colapso iminente, perceberemos que o mundo está avançando na direção certa. Veremos também que podemos conduzir esse processo de desenvolvimento concentrando-nos e insistindo em prioridades razoáveis. Quando o estudo de Harvard mostra



que deixamos de salvar 60 mil vidas todos os anos, fica evidente o preço que pagamos por nos preocuparmos com os problemas errados - demais com o meio ambiente e de menos com outras áreas.

Isto não significa que o manejo ambiental e o investimento no meio ambiente não sejam uma boa idéia - só que devíamos comparar os custos e benefícios de tais investimentos com os investimentos em todas as outras áreas importantes para os seres humanos. E, para garantir que as prioridades sejam definidas de modo razoável e político, precisamos abandonar a crença arraigada na ladainha mítica e começar a nos concentrar nos fatos - que o mundo está com efeito melhorando, embora ainda falte muito a fazer.

Bjorn Lomborg é professor adjunto do Departamento de Ciência Política da Universidade de Aarhus, na Dinamarca.

**LEIA AMANHÃ**  
 Como estão as reservas e os recursos naturais do planeta